

A CIENTIFICIDADE DA PSICANÁLISE: entre o cientificismo de Freud e suas articulações conceituais sobre o aparelho psíquico

*Márcio Ramos Ferreira**

RESUMO:

Este artigo tem o objetivo de analisar os recursos epistemológicos utilizados por Freud para situar a posição da psicanálise frente a ciência e os efeitos de suas teorizações sobre o aparelho psíquico usando como ferramenta a hipótese lacaniana de sujeito da ciência.

PALAVRAS-CHAVES: Psicanálise. Ciência. Sujeito da Ciência.

* **Márcio Ramos Ferreira.** Mestre em psicanálise pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro; Docente do Departamento de Psicologia da Faculdade Salesiana Maria Auxiliadora.

Introdução

O presente artigo analisa a concepção freudiana de ciência e sua teorização sobre o aparelho psíquico, usando como ferramenta a hipótese lacaniana de sujeito da ciência. O retorno a Freud empreendido por Lacan, consiste em um trabalho de formalização lógica dos conceitos psicanalíticos, próprio do trabalho científico. Tal empreitada lacaniana permitiu superar a oposição presente no século XIX, entre as ciências da natureza e as ciências do espírito (IANINI, 2008), único recurso epistemológico disponível no tempo de Freud para situar o estatuto da psicanálise em relação a ciência. Sustenta-se nesse artigo a proposição de que há uma separação entre o voto de Freud de que a psicanálise fosse uma ciência e o que ele realmente conceituou de forma racional.

Visar-se sustentar no presente empreendimento os seguintes axiomas: 1- Os conceitos psicanalíticos possuem uma especificidade quanto ao problema do sujeito; 2- A psicanálise funda um campo científico próprio, cuja especificidade é incluir o domínio particular contingente na esfera do universal, formulando sua teoria sobre o que ciência deixa fora das suas operações: o sujeito e sua verdade.

A primeira parte dessa empreitada se dedica a investigação de como as consequências lógicas das proposições da história da ciência de Koyré servem de base para Lacan formular a sua hipótese sobre o sujeito da ciência. Em seguida, verifica-se como a tentativa de Freud de aproximar a psicanálise da ciência natural influenciou sua teorização sobre o aparelho psíquico. Investigaremos de que forma a teoria do inconsciente de Freud deslocou o pensamento da consciência e de que maneira ele tira o sujeito do empirismo. Por fim, analisa-se as tentativas de formalização do aparelho psíquico por Freud, a fim de esquadriñar as bases que Lacan vai se servir para fundamentar a sua hipótese sobre a existência do sujeito da ciência.

1. Lacan e o sujeito da Ciência

Lacan no seu escrito *A ciência e a verdade* (1966/1998), afirma que o sujeito sobre o qual opera a psicanálise é o sujeito da ciência. Tal afirmação tem a forma de um axioma do qual se extraem mais três: 1-A psicanálise opera sobre um sujeito e não sobre um eu (*moi*); 2- Há um sujeito da ciência; 3- Os dois sujeitos são um.

Como se pode notar, os três axiomas se referem ao sujeito. A primeira afirmação diz respeito ao que o estatuto epistemológico psicanalítico direciona sua operação. A segunda recorre a um conceito que é uma hipótese lacaniana: “sujeito da ciência”. A terceira sustenta-se em correlações históricas. Tais proposições não afirmam nada da psicanálise enquanto ciência, mas supõem uma teoria vinculada à constituição de um sujeito a partir do aparecimento da ciência.

Há, portanto, em Lacan uma teoria da ciência. A ciência é fundamental para existência da psicanálise, pois a partir dela opera-se um corte que lhe dá condições de operar no mundo moderno. Lacan se apoia nos trabalhos de história da ciência de Koyré para demarcar os efeitos do corte que promoveu as condições de aparecimento de uma ciência moderna. A partir da matematização da física, o mundo finito, hierarquizado e qualitativo, dá lugar ao universo da precisão. No quadro epistemológico a retificação operada a partir da história das ciências, os axiomas de Koyré assim se escrevem: 1- Existe um corte entre a *episteme* antiga e a ciência moderna, que consiste na passagem do mundo do mais ou menos para o Universo da precisão; 2- A ciência moderna é galileana, e seu projeto consiste em submeter o real à exigência de precisão e rigor do símbolo matemático; 3- O determinismo da ciência moderna estabelece a causa formal dos fenômenos sobre os quais se aplica: trata-se da elaboração de leis regulares para os fenômenos em ruptura com a concepção medieval do finalismo; 4- A ciência moderna é solidária à formulação de uma teoria do sujeito, destituído de qualidades empíricas, e fundamento desta.

A hipótese lacaniana sobre o sujeito da ciência tem como fundamento este dispositivo e passa por Descartes. Considerado por Lacan o primeiro filósofo moderno, Descartes mostra que a ciência moderna precisa do pensamento para operar a formalização do real, o testemunho do *Cogito*. Descartes é o primeiro filósofo moderno pelo *Cogito*. Na medida em que insere, por relação lógica, o pensamento na atividade científica, instaura-se o sujeito da ciência no mundo moderno. O pensamento destituído de qualidades não é só necessário à ciência moderna, ele é também indispensável para fundamentar o inconsciente freudiano. O inconsciente freudiano é cartesiano, não porque esse é datado no mundo moderno, mas por afinidade discursiva. Visto que: 1- A física matemática elimina as qualidades dos existentes; 2- A teoria do sujeito que responde à essa física deve despojar o sujeito de qualquer qualidade; 3- O sujeito sem qualidades é o sujeito da ciência e, por consequência lógica, o sujeito no qual a psicanálise opera.

Ora, a teorização de Freud sobre o inconsciente em nada condiz com sua visada de colocar as ciências naturais como ideal de ciência para a psicanálise. Isso fica mais claro se analisarmos a concepção de ciência de Freud e também as consequências lógicas sobre sua teoria do inconsciente.

3. A ciência em Freud

Assim como em Lacan, há em Freud uma teoria da ciência. Ela versa no que Lacan (1964/1998) chama de cientificismo de Freud. Essa ideia é equivalente ao ideal de ciência que Freud aspirava para a psicanálise, fundamentado no voto de Freud que a psicanálise seguisse um modelo de ciência. Qual seria esse modelo? O de ciência natural. Todavia, é importante separar o que Freud almejava para a psicanálise e o que realmente ele construiu de forma conceitual. Por isso, devemos considerar que a teoria da ciência de Freud inclui o conceito de inconsciente, que consiste numa crítica a uma certa filosofia do século XIX centrada na identidade entre o psiquismo e a consciência. Isso significa afirmar que, apesar de Freud visar um modelo de cientificidade para a psicanálise, ele rompeu com uma forma de pensamento orientado pelo positivismo e pela defesa das ciências da natureza como ideal de cientificidade para as ciências humanas.

Existem vários textos em que Freud trabalha a relação do estatuto da sua invenção com a ciência, poderíamos citar o início do artigo “Narcisismo: uma Introdução” (1914/2006b) e “Pulsões e os destinos da pulsão” (1915/2006), artigos nos quais ele discorre sobre o funcionamento da ciência, a “Autobiografia” (1925/2006 b) e “A Questão da análise leiga” (1926/2006), artigos nos quais Freud compara a psicanálise com a filosofia, defendendo-a da subordinação à medicina. Partiremos de uma das “Novas conferências de introdução a psicanálise” (1932/2006 a) cujo título é “Sobre uma *Weltanschauung*” (1933/2006), por acharmos que essa seria uma visão mais completa de Freud sobre o tema, visto que este é o último trabalho dele sobre o assunto. O termo “*Weltanschauung*” designa concepção ou visão de mundo. A questão que orienta Freud nessa conferência é a seguinte: a Psicanálise envolveria uma concepção filosófica de homem, da sua natureza?

Freud (1933/2006) define *Weltanschauung* como “uma construção intelectual que soluciona todos os problemas da nossa existência uniformemente, com base em uma hipótese superior dominante, a qual, por conseguinte, não deixa nenhuma pergunta sem resposta e na

qual tudo o que nos interessa encontra seu lugar fixo” (p.155). A vantagem de tal construção é trazer critérios para compreender o que nos rodeia e tentar definir ideais de conduta para orientar as ações humanas. É, portanto, pela necessidade de se sentirem seguros que os homens defendem suas visões de mundo, recusando considerar qualquer objeção sobre ela.

Freud diferencia a psicanálise de uma visão de mundo a partir de dois movimentos convergentes. O primeiro é definir a psicanálise como um ramo da psicologia – psicologia profunda ou psicologia do inconsciente. Nesse sentido, a psicanálise seria uma ciência específica que estuda o terreno do psiquismo. Por ter a especificidade sobre a teorização do psiquismo, seria, então, inadequado que a psicanálise desenvolvesse uma concepção própria do Universo. Por isso, ela precisaria aceitar a da *Weltanschauung* da ciência. Um segundo movimento de Freud é definir a *Weltanschauung* da ciência de modo tal que ela guarde nenhuma ou pouca proximidade com uma visão de mundo. De fato, Freud não considera a *Weltanschauung* da ciência uma visão total de mundo, ela tentaria explicar “a *uniformidade* da explicação do universo; mas, o faz apenas na qualidade de projeto, cuja realização é relegada ao futuro” (p. 156).

Logo no início da conferência, Freud afirma que a atividade cientista é “intolerante com o erro, não admite compromissos e restrições, e estende sua investigação a qualquer setor das *atividades humanas*” (1933/2006, p.157). O aparecimento do termo “atividades humanas” nessa afirmação nos dá indicação de que, para Freud, elas poderiam ser objeto científico. Como esclarece Mezan (2007), no contexto histórico de Freud as “atividades humanas” - também entendidas como civilização - eram estudadas pelas chamadas ciências do espírito (*Geisteswissenschaften*) que se diferenciava das ciências da natureza (*Naturwissenschaften*). Freud não levou em conta tal distinção, pois para ele, a psicanálise, enquanto psicologia do inconsciente ocupava uma posição de ciência natural. De fato, há em Freud uma preocupação em estabelecer uma ciência do psiquismo que estivesse rigorosamente de acordo com o paradigma de cientificidade da época, fornecido pelo conjunto das ciências naturais.

Tal dicotomia entre ciências naturais e ciências humanas, único recurso epistemológico à disposição de Freud nessa época tem o custo de arremeter a psicanálise à uma ciência natural. A abertura do projeto para uma psicologia científica (1895[1950]/2006) é um exemplo do que aqui tratamos:

A finalidade desse projeto é estruturar uma psicologia que seja uma ciência natural: isto é representar os processos psíquicos como estados quantitativamente

determinados de partículas materiais especificáveis, dando assim esse processo, um caráter concreto e inequívoco (p.102).

Desse modo, como já foi argumentado, a psicanálise fica subordinada ao ideal da ciência, o psiquismo conceituando com termos neurológicos. É importante destacar que tais termo não ganham o mesmo sentido que na neurologia. Com efeito, a presença do conceito de neurônio aparece em todo texto, auxiliando na explicação do aparelho psíquico. Os sistemas psíquicos ganham abreviações através de letras Q, Q, ψ , Φ , ω , M para designar os sistemas de neurônios e a quantidade de energia de excitação. A tentativa de esquematizar o psiquismo pela via das letras - que aparecem designando sistemas e quantidade de energia do aparelho - foi a primeira explicação sobre o aparelho psíquico e se tornou o fundamento para a metapsicologia.

A “Carta 52”, redigida em 1896, contém uma explicação sobre o psiquismo numa linguagem ainda próxima ao “Projeto...”. Entretanto, expõe uma tentativa de Freud em sistematizar o aparelho psíquico de forma lógica, não recorrendo somente à linguagem de neurônios. O esquema, reproduzido abaixo, aponta a tentativa de sistematização do aparelho psíquico através de letras e números:

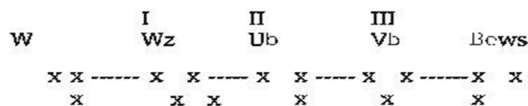


Fig 1: (Freud, 1896/ano, p.80)

As letras W, Wz, Ub, Vb, Bews correspondem, respectivamente, às percepções, traços de percepção, inconsciente, pré-consciência e consciência. A presença dessas letras representando os sistemas psíquicos nos dá uma indicação de que, apesar de Freud recorrer à base neuronal, também emprega esses sistemas representados por letras numa associação sistemática. Esta formalização guarda certa aproximação com o modelo lógico-matemático empregado pela ciência. Nessa compreensão, temos o primeiro modelo teórico de explicação do psiquismo sem recorrer somente ao material empírico. Entendemos que esse procedimento marca a tentativa de Freud, presente desde o “Projeto...”, de, a partir de símbolos, apreender o real que a psicanálise se ocupa.

Mais tarde, depois de ter abandonado o modelo de explicação do aparelho psíquico presente no “Projeto ...” (1895), Freud formula a teoria do inconsciente, utilizando para isso outro vocabulário teórico. O termo “neurônio” sai de cena para dar lugar a termos como representação e pensamento. Freud utiliza esses termos para diferenciar o pensamento inconsciente (pensamento não qualitativo) da consciência (que seria a atribuição de qualidades ao pensamento).

O conceito psicanalítico de inconsciente é fundado no trabalho freudiano “A interpretação dos sonhos” (1900/2006). Esta proposição é consequência da seguinte afirmação freudiana: “Devo afirmar que os sonhos tem um significado e que um método científico de interpretá-los é possível” (p.135). Essa proposição freudiana pode ser decomposta em duas: 1- Há um sentido no sonho; 2- É possível construir um método científico para interpretar os sonhos.

Com a proposição da existência de um sentido no sonho, Freud sustenta que existe um pensamento inconsciente e que é possível de construir um método científico para a investigação desse inconsciente. A interpretação dos sonhos explicita o núcleo do programa epistemológico da psicanálise. O termo ciência adquire um sentido importante. Trata-se de uma ciência do inconsciente, ou seja, de uma ciência que localiza o pensamento fora da consciência de si.

Ora, podemos pensar com a ajuda de Milner (1996) que a partir da *Interpretação dos sonhos* aparece um *Cogito* freudiano. De acordo com Milner (1996), Freud inaugura um pensamento sem qualidades a partir da fundação do inconsciente, pois tal conceito reside na demonstração de que o pensamento não é consequência da consciência de si. Portanto, podemos afirmar que a interpretação dos sonhos retifica a marca da individualidade empírica que, a partir da filosofia cartesiana, sido havia indevidamente conferido ao sujeito. A psicanálise tem como fundamento principal a existência do inconsciente, que não é estranho nem ao pensar nem ao sujeito. Entretanto, nem o sujeito nem o pensamento, existem na consciência. Ora, a formulação do conceito de inconsciente na “Interpretação dos sonhos” inaugura um campo no qual se opera com o sujeito da ciência a partir da subversão do *Cogito*, pelo fato do conceito de inconsciente responder às exigências científicas do *Cogito*: 1- Exclusão de todo e qualquer conteúdo qualitativo do saber, do domínio do pensamento; 2- O evanescimento do sujeito.

O segundo axioma diz respeito que o sujeito do inconsciente aparece em um caráter pontual. Tal proposição fica mais clara em seu artigo de 1915 “O inconsciente”.

Freud afirma, logo de início, que são nas lacunas do consciente que se deve procurar o caminho para o inconsciente. Tais lacunas vão ficar em primeiro plano no campo de investigação da psicanálise: são eles os sonhos, os chistes, os atos falhos e os sintomas. Tais manifestações lacunares atestam a inadequação da equivalência entre o psíquico e o consciente. No que se refere às suas características, nenhum processo químico ou psicológico pode dar-nos qualquer idéia a respeito da sua natureza. Estas lacunas não significam uma negação do pensamento, pelo contrário, elas significam que o domínio do pensamento é o inconsciente. Os fenômenos lacunares são indicadores de uma ordem de pensamento irredutível ao consciente, o inconsciente possui uma lógica diferente da consciência de si. Tomando como modelo a forma pela qual Milner (1996), conceitua o inconsciente freudiano, através desse artigo metapsicológico, podemos afirmar que o conceito de inconsciente pode ser delimitado a partir de quatro proposições. São elas: 1-Existem pensamentos inconscientes; 2- Existem pensamentos que são estranhos à consciência de si; 3 - O sonho, o chiste, o ato falho, e o sintoma são pensamentos estranhos à consciência de si; 4- A consciência de si não é a propriedade hegemônica do pensamento; 5- O sonho, o chiste, o ato falho, e o sintoma são a via régia do inconsciente.

Através do conceito de inconsciente, podemos entender que o sujeito do pensamento não é sua identidade. O que implica que o *Cogito* freudiano está fundamentado na dessubstancialização do *Cógito* cartesiano. A estrutura do discurso científico nos indica que o *Cogito* freudiano responde às exigências da ciência moderna, visto que ele não é uma realidade empírica e que sua teorização se fundamenta na exclusão de todo e qualquer conteúdo qualitativo do saber. Entretanto, Lacan não está de acordo com a posição de Freud de que a psicanálise é uma ciência, visto que a psicanálise opera justamente com o que a ciência excluiu do seu campo do saber: o sujeito.

Este pensamento moderno, destituído de qualidades não é só necessário à ciência moderna, ele é também indispensável para fundamentar o inconsciente freudiano. O inconsciente freudiano é cartesiano, não porque esse é datado no mundo moderno, mas por afinidade discursiva. Visto que: 1- A física matemática elimina as qualidades dos existentes; 2- A teoria do sujeito que responde à essa física deve despojar o sujeito de qualquer qualidade; 3- O sujeito sem qualidades é o sujeito da ciência.

Ora, a teorização de Freud sobre o inconsciente em nada condiz com sua visada de colocar as ciências naturais como ideal de ciência para a psicanálise. Isso fica mais claro se

analisarmos a concepção de ciência de Freud e também as consequências lógicas sobre sua teoria do inconsciente.

A psicanálise se aproxima dos axiomas da ciência ao destituir seu objeto de todo caráter empírico. A ordem do sensível não interessa em nada a ciência e nem a psicanálise. O que psicanálise efetua a partir da sua teoria é a cisão entre o sujeito e o objeto. A lógica de funcionamento inconsciente introduz a separação radical entre o campo das representações e o campo da coisa. Isso está presente na própria constituição do sujeito, e nos conduz a afirmar que o sujeito não pode ser apreendido, como um objeto empírico. Podemos pensar, com o auxílio de Lacan (1954-1955/2010), que o que Freud coloca em questão através da teoria psicanalítica é que o sujeito e o objeto não são de maneira nenhuma a mesma coisa. O ser do ponto de vista científico, não se pode apreender. Pois o ser não é da ordem científica. Tais afirmações ficam mais claras se abordamos as primeiras construções teóricas freudianas sobre o aparelho psíquico.

4. O aparelho psíquico do projeto

O “Projeto de uma psicologia” (1895[1950]/2006), constituiu o primeiro esforço declarado de Freud em construir uma concepção de aparelho psíquico.

Freud (1895[1950]/2006) logo no início do seu trabalho afirma que sua intenção é “representar os processos psíquicos como estados quantitativamente determinados de partículas materiais especificáveis, tomando assim esses processos claros e livres de contradição” (p. 349). O que chama a atenção nesse trabalho, é que Freud define o pensamento na esfera do inconsciente, sendo ele determinado pelo desejo cuja tendência é sempre alucinatória. Isso terá grandes consequências em relação à constituição do inconsciente e à realidade psíquica.

O “Projeto ...” se baseia na noção de movimento de quantidades de energia. A quantidade (Q) poderia estar em movimento – sujeita a passar de um neurônio para outro – ou ficar estática, armazenada em um só neurônio. A relação desses neurônios com a quantidade (Q) é regida pelo princípio de inércia. Tal princípio consiste na tendência do sistema de se livrar da energia Q. É importante considerar, entretanto, que o princípio de inércia funciona associado a outra tendência. O sistema além de receber estímulos do exterior, também recebe estímulos do próprio sistema, os estímulos endógenos. Esses estímulos se originam do próprio corpo e criam necessidades como respiração e sexualidade. Ao contrário dos

estímulos externos, os estímulos endógenos cessam somente mediante condições que devem ser realizadas no mundo externo. Por causa de tal exigência, o organismo é obrigado a abandonar sua tendência original de inércia e tolerar um certo acúmulo de (Q) para satisfazer as exigências da ação específica.

O aparelho neurônico é composto por três sistemas, φ , ψ , ω , cada qual com uma função específica que irá administrar o fluxo de Q no sentido final da descarga. Essa arquitetura do sistema neurônico possui um dispositivo de mudar quantidade em qualidade – o produto da consciência, isso afirma a tendência do aparelho de se livrar das quantidades. O que diferencia um sistema do outro é, sobretudo, a quantidade com que cada um deles tem que trabalhar, pois as quantidades tem origem tanto no mundo externo, quanto no interior do organismo.

As quantidades que veem de fora chegam ao aparelho através das terminações nervosas, essas por sua vez, agem como se fossem uma tela no sentido de permitir que as frações de Q, acessem o sistema responsável de receber os estímulos exteriores, sistema φ . Quantidade de estímulo Q ao chegar no sistema φ , provoca a tendência de descarga do sistema nervoso, o sistema φ , tem, então dois modos de escoar tal quantidade: através de um sistema mais interior ao aparelho, sistema que contém as células de memória ψ , ou para o aparelho motor, onde essa quantidade será transformada em uma excitação motora proporcional (nos músculos e glândulas). Apenas pequenas frações são transferidas do sistema φ para o sistema ψ , sendo assim esse sistema está protegido de grandes quantidades de energia, só trabalhando com pequenas magnitudes celulares. Todavia, esse sistema guarda uma particularidade em relação ao sistema φ em relação à fonte de estímulos. O sistema ψ trabalha não só com os estímulos originados do sistema φ , mas também com os estímulos cuja origem está no próprio organismo.

Além da origem das fontes de energia, esses sistemas guardam diferenças quanto à permeabilidade do fluxo de energia. As células do sistema φ , são células permeáveis, sem grande resistência à passagem de $Q\eta$. Já as células do sistema ψ , células de memória, são menos permeáveis devido a sua característica de acumular $Q\eta$. Essa característica produz uma dificuldade para a passagem do estímulo. Diferente do sistema φ a passagem de excitações em ψ produz modificações no sistema, isso se dá devido a sua possibilidade de constituir memória. Desse modo, quanto maior a intensidade e a quantidade de vezes que a excitação busca passar, mais facilitada a condição de excitação da célula de memória, ou seja, maior

grau de permeabilidade do neurônio. A diferença entre as facilitações entre uma a outra célula induz a excitação a percorrer um trajeto mais fácil, o que a tornou permeável. Dessa forma, a memória consiste em uma das forças que determinam o caminho da passagem da excitação. Com as facilitações o sistema neurônico evita ficar sobrecarregado de $Q\eta$, servem à função primária do sistema de descarregar energia.

Dentro do “Projeto...” de Freud de determinar o psiquismo através de uma abordagem que privilegiasse uma relação de quantidades, a questão da consciência aparece na forma de um problema. Como abordar a consciência pela dimensão quantitativa, se ela é o que nos dá aquilo que se convencionou chamar de qualidades? Foi preciso, então, tentar encontrar um lugar para o conteúdo da consciência nos processos quantitativos.

Freud postula um conjunto de neurônios que são responsáveis pela qualidade e não pela quantidade. Os neurônios ω são responsáveis pelas sensações conscientes. Esses neurônios são inteiramente permeáveis, pois para funcionar como condutores da consciência, precisam da mutabilidade de conteúdo. Tal permeabilidade facilita a transitoriedade do conteúdo das sensações. Por isso, não há nesses neurônios espaço para memória. Freud destaca uma diferença importante dos neurônios ω para os outros sistemas de neurônios, em relação às fontes de estimulação. Os neurônios ω não são alimentados nem por fontes endógenas nem exógenas, eles retiram sua energia dos neurônios ψ . Associando essas características desses neurônios, Freud tenta responder à questão qualitativa da consciência pela via da idéia de intervalo extraída da física. Para Freud, os neurônios ω não são capazes de receber Q , o que eles recebem na realidade é uma periodicidade de excitação que lhes possibilitam uma carga mínima, funcionando como uma espécie de indução. Ocorre que por causa do seu contato com os neurônios ψ , eles recebem um período de excitação. Nessas condições, quando aumenta a excitação de ψ , também aumenta a de ω , e quando diminui a excitação de ψ , também diminui a de ω . Portanto, eles não são carregados, mas sim recebem períodos de excitação.

De posse dessas idéias de funcionamento dos sistemas neurônicos, Freud aborda a questão do prazer e do desprazer. Conforme Freud, quando não há consciência, é porque não houve contribuição do sistema ω . Além das séries das qualidades sensíveis, as sensações de prazer e desprazer também são conteúdos da consciência. O desprazer corresponderia ao aumento do nível de Q em ψ ; enquanto que prazer corresponderia à descarga.

Nesse mesmo texto Freud formula um mito para dar conta da fundação do psiquismo a partir do encontro do sujeito com o Outro.

No capítulo sobre a experiência de satisfação, Freud relaciona essa experiência mítica com a constituição do aparelho psíquico através da relação do sujeito com o *Nebenmensch*, complexo do outro. Nesse texto, Freud demarca que é através de um semelhante que se dá a primeira apreensão de realidade para o sujeito. Esta experiência é marcada pelo desamparo fundamental que caracteriza o vivente humano. De acordo com Freud, a partir do aparecimento dos estímulos endógenos, terá no neonato humano uma urgência que só poderá ser liberada pela via motora, ou seja, uma exigência que somente poderia vir a cabo por uma ação que promova uma mudança na realidade. Entretanto, a primeira via a ser seguida será através descargas motoras (gritos e enervações musculares) que são insuficientes para acabar com a tensão em ψ .

O conjunto desse processo produz uma experiência de satisfação que tem várias conseqüências na constituição do sujeito. Produzem-se três fenômenos no sistema ψ : 1- Produz-se uma descarga que cessa a estimulação; 2- É produzido um investimento psíquico na percepção do objeto que gerou a satisfação, suscitando uma imagem mnêmica do objeto; Estabelece trilhamentos, vias de ligação entre os neurônios que foram investidos de energia psíquica durante o processo. Estas vias passam a ser passagem preferencial para novas estimulações.

A partir dessa experiência de satisfação resulta que:

Com o reaparecimento do estado de *urgência* ou de *desejo*, o investimento também passa para as duas lembranças, reativando-as. É provável que a imagem mnêmica do objeto seja a primeira a ser afetada pela ativação do desejo (p. 371).

Conforme Freud, “essa reação fornece algo semelhante a uma percepção – a saber, uma alucinação” (p. 372). É isso que o processo primário indica. Entretanto, o que é reativado é uma imagem do objeto. Como o objeto alucinado e o objeto da realidade não correspondem, ocorre a frustração.

Há então a necessidade de Freud deduzir um processo secundário que não poderia se opor ao processo primário de modo a assegurar a adequação do vivente. Se o encadeamento das experiências tem efeitos alucinatorios, é preciso um aparelho corretor, um teste de realidade. Este teste de realidade supõe uma comparação da alucinação com algo que seja percebido na experiência e conservado na memória do aparelho psíquico. Todavia o processo secundário vai contra a inadequação essencial desse vivente retificando-o, na medida em que ele tem uma inclinação ao erro.

Será então a emergência da consciência que possibilitará a distinção de objeto da realidade e o da alucinação, conseqüentemente a inibição da resposta motora. Segundo Freud, uma parte do sistema ψ se diferencia e passa a cumprir a função de inibição do desejo e de julgamento. Isso ocorre para impedir o desprazer decorrente da frustração causada pela alucinação do objeto. O sistema ω é uma formação do sistema ψ que deve inibir os processos primários. A inibição possibilitará um critério de diferenciação entre a lembrança e a percepção. Desse modo, a experiência ensinará ao sujeito a não iniciar a descarga antes da indicação da realidade e a não levar o investimento das lembranças desejadas além de certa quantidade.

Lacan (1954-1955/2010) assinala que esse esquema nos indica o problema da relação do sujeito com o objeto. Freud se diferencia dos outros autores até então, pois traz a ideia de que o objeto humano é um objeto de reencontros no sentido das reminiscências. O objeto humano sempre se constitui a partir de uma primeira perda. Na medida em que o que se apresenta a ele só coincide parcialmente com aquilo que lhe proporcionou satisfação, o sujeito se põe em busca, e repete indefinidamente sua procura.

Mais tarde, como já referido em nosso trabalho, na “Interpretação dos sonhos” (1900/2006), Freud descarta o vocabulário neurofisiológico e já usa um esquema construído com termos propriamente psicanalítico para se referir sobre as conseqüências do pensamento inconsciente.

5. Aparelho Psíquico na Interpretação dos sonhos

De acordo com Lacan (1954-1955/2010), o aparelho psíquico que Freud apresenta na “A interpretação dos Sonhos” (1900/2006) introduz nele uma dimensão temporal como tal. Este esquema aponta que Freud já introduz dimensões novas em suas categorias, nesse sentido o aparelho psíquico é identificado com bases puramente lógicas.

No famoso capítulo VII, Freud apresenta uma tentativa de formalização do aparelho psíquico sem recorrer a neurônios. O Seguinte trecho aponta o modo pelo qual empreende tal formalização:

Desprezarei por completo o fato em que o aparelho anímico em que aqui estamos interessados é-nos também conhecido sob a forma de uma preparação anatômica, e evitarei cuidadosamente a tentação de determinar essa localização psíquica como se fosse anatômica (FREUD, 1900/2006, p. 566-567).

De fato, Freud não visa uma localização anatômica para psiquismo, mas tenta articular de forma lógica o seu funcionamento. Esse trabalho faz parte da metapsicologia freudiana construída conforme as questões que se apresentavam a Freud na clínica.

Freud define seu aparelho como um instrumento composto de componentes denominados de sistemas. O aparelho está organizado em uma ordem fixa na qual, em um determinado processo psíquico, a excitação atravessa as instancias em uma dada sequência temporal, até acontecer sua descarga. Assim, todas as atividades psíquicas partem dos estímulos internos e externos e terminam nas “inervações”. Freud esquematiza o aparelho numa figura com duas extremidades. Na terminação sensível, encontra-se um sistema que recebe as percepções e na outra terminação o sistema que abre as compotas da atividade motora.



Fig 2: (FREUD, 1900/2006: p. 568)

A partir da figura acima, Freud indica que a primeira instancia do aparelho psíquico (Pcpt = Perceptivo) recebe os estímulos perceptivos, ao passo que, por trás dele, um segundo sistema transforma as excitações vindas do primeiro em traços permanentes. De acordo com Freud, das percepções que incidem sobre o aparelho psíquico permanece um traço, denominado de traço mnêmico, que são associados entre si por simultaneidade ou similaridade das percepções a ela correspondentes. Os traços mnêmicos consistem em alterações permanentes do sistema psíquico e a função a qual eles se relacionam é a de memória. Freud justifica a falta de memória no aparelho perceptivo afirmando que se esse sistema retivesse algum traço associativo, ele ficaria impedido de desempenhar sua função, pois o remanescente de uma ligação anterior impediria a captação de novos elementos. Portanto, a base da memória está nas associações dos sistemas mnêmicos inconscientes. Isso conduz Freud a afirmar que a qualidade e a memória são atributos mutuamente exclusivos, pois quando essas lembranças tornam-se conscientes novamente, elas não mostram mais a qualidade sensorial das percepções, como ele adiantara no “Projeto...”.

Nesse artigo, Freud se ocupa em formalizar um aparelho psíquico que se aplique à teoria dos sonhos. Assim faziam-se necessárias duas instancias psíquicas que se articulasse uma á outra sendo que uma dela desempenharia a função crítica. Freud localiza instancia crítica na extremidade final. A partir da referência da localização dessa instância no aparelho, então localiza o “pré-consciente” na extremidade motora, para indicar que os processos excitatórios ocorridos no interior do aparelho psíquico podem entrar na consciência desde que atinjam certo “grau de intensidade” (FREUD, 1900/2006 p.571). Em resumo: o sistema de memória inconsciente não tem acesso à consciência senão pelo pré-consciente, ao passar por essa instancia, o processo excitatório é obrigado a submeter-se a modificações.

Podemos concluir juntos com Lacan (1954-1955/2010), que esse esquema mostra, sobretudo, que não há nenhuma relação de negativo a positivo, entre o eu e o discurso inconsciente. O discurso inconsciente aparece como uma mensagem cifrada, um discurso interrompido. O inconsciente está mergulhado em um discurso concreto que desempenha um a função de obstáculo e de filtro ao inconsciente. O inconsciente tem suas próprias vias, sua própria lógica de funcionamento, podendo ser explorado independente daquilo que o interrompe.

6. Conclusão

Nota-se a influência dos trabalhos de Koyré na concepção de ciência de Lacan. É através dos estudos da história das ciências desse epistemólogo que se pode entender que foi pelo modo de colocar no estudo da natureza a geometria euclidiana que Galileu inaugurou a ciência moderna. Entende-se que o modo que o procedimento de matematização é a ruptura do conhecimento científico com o mundo das qualidades. Esse procedimento possibilitou uma literalização do real e, ao mesmo tempo, a disjunção do simbólico e do imaginário.

Enquanto Galileu tornou possível a literalização do real, Descartes elaborou o sujeito da ciência através do *cogito*. Esse sujeito coloca seu modo de emergência no pensar, por isso ele é um sujeito totalmente dessubstanciado e evanescente, visto que ele só emerge no momento de irrupção do pensamento. O pensamento, desprovido de todos os dados empíricos e de substância são as bases do inconsciente freudiano. O conceito freudiano de inconsciente retificou o *cogito* cartesiano, tirando do pensamento, as qualidades empíricas. Essa aproximação discursiva do *cogito* cartesiano com o inconsciente freudiano, nos permitiu separar o ideal de Freud de que a psicanálise seguisse um ideal de ciência positiva e o que o

que ele realmente realizou através da conceitualização do aparelho psíquico. A análise dos esquemas dos aparelhos psíquicos freudianos nos permite extrair as seguintes proposições: 1- A psicanálise dirige sua formalização teórica ao inconsciente e não à um indivíduo ou organismo; 2- O inconsciente freudiano possui uma afinidade discursiva com o *cogito*; 3- O inconsciente freudiano marca uma retificação do *cogito* cartesiano por tirar o pensamento do campo da consciência; 4- O pensamento inconsciente nos esquemas psíquicos freudianos aparece deslocado da consciência e possui uma lógica própria de funcionamento; 5- O conceito freudiano de pulsão de morte atesta nos esquemas de aparelho psíquico freudiano algo que resta a ser simbolizado; 6- A teoria psicanalítica marca uma hiância radical entre o sujeito do conhecimento e o objeto.

Ao inventar a psicanálise e formular a teoria do inconsciente, Freud criou no mesmo movimento um novo campo do saber. Notamos que há uma contradição entre sua formação científica e o fato de ser o inventor de um novo campo que embora estabeleça relações com a ciência, não se subordina a um ideal de ciência. A hipótese lacaniana que existe um sujeito da ciência, baseada pelos estudos de Koyré, ajuda na separação do que Freud almejava para a psicanálise e o caráter das suas formulações teóricas sobre o inconsciente.

Por fim, devemos considerar que a afirmação da não subordinação da psicanálise em relação à ciência, já na segunda metade do século XX se deve a Lacan. Antes dele, muitos seguidores de Freud tentaram resolver essa contradição freudiana “cientificizando” a psicanálise, abordando-a pela via naturalista, ou psicologicista. Assim sendo, entende-se que o retorno de Lacan a Freud foi uma ruptura com a compreensão positivista de ciência e a sua adesão às ciências da linguagem, situando a psicanálise no centro de um movimento que instaura uma “nova ordem das ciências” (LACAN, 1953/1998, p.285). Mas é um assunto para outro empreendimento.

Referência

FREUD, S. Edição Standard Brasileira das *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

_____. (1895[1950]). Projeto para uma psicologia científica. v.1.

_____. (1896). A carta 52. v.1.

_____. (1900). A Interpretação dos sonhos. v.5.

_____. (1914). História do movimento. v.7.

_____. (1914). Sobre o narcisismo: uma introdução. v. 9.

_____. (1915). Pulsão e os Destinos da Pulsão. v. 14.

_____. (1915). O Inconsciente v. 14.

_____. (1925). Além do Princípio do Prazer. v. 18.

_____. (1925) Autobiografia. v. 20.

_____. (1926). A Questão de uma Análise Leiga. v. 20

_____. (1923) Novas conferências de introdução a psicanálise. v. 22.

_____. (1933). A questão de uma Weltanschauung v. 22.

IANNINI, G. Nem *physis*, nem *psyché*: o papel da estrutura no reordenamento epistêmico da psicanálise. *Philosophos - Revista de Filosofia*, 2008 Jul/dez.; v.13, n.2: p.43-60. Disponível em: <<http://www.revistas.ufg.br/index.php/philosophos/article/view/4004>>. Acesso em: 29. Jan. 2012

LACAN, J. A Função e Campo na Fala e da Linguagem em Psicanálise. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: J. Zahar 1953/1998.

_____. *O Seminário, Livro 2*. O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1954-1955/2010.

MEZAN, Renato. Que tipo de ciência é, afinal, a Psicanálise?. *Nat. hum.* [online]. 2007, vol.9, n.2, pp. 319-359. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/nh/v9n2/v9n2a05.pdf>>. Acesso em: 20 set. 2010. MILNER, J-C. A. *Obra Clara*: Lacan, a ciência e a filosofia. Rio de Janeiro: J. Zahar Ed., 1996.

**THE SCIENTIFIC STATUS OF PSYCHOANALYSIS: Freud between
scientism and its conceptual statements about the psychic apparatus**

ABSTRACT:

This article aims to analyze the epistemological tools used by Freud to locate the position of psychoanalysis against science and the effects of their theorizing about the psychic apparatus as a tool using the hypothesis Lacanian subject of science.

KEYWORDS: Psychoanalysis. Science. Science subject.

**LE STATUT SCIENTIFIQUE DE LA PSYCHNALYSE : Freud entre
scientisme et ses états conceptuels sur l'appareil psychique**

RÉSUMÉ:

Cet article vise à analyser les outils épistémologiques utilisés par Freud pour localiser la position de la psychanalyse contre la science et les effets de leur théorisation sur l'appareil psychique comme un outil utilisant l'hypothèse lacanienne sujet de la science.

MOTS-CLÉS: La psychanalyse. Science. Sciences sujet.

A CIENTIFICIDADE DA PSICANÁLISE: entre o cientificismo de Freud e suas articulações conceituais sobre o aparelho psíquico

Recebido em 17.12.2012

Aprovado em 30.01.2013

©2013 *Psicanálise & Barroco em revista*

www.psicanaliseebarroco.pro.br

Núcleo de Estudos e Pesquisa em Subjetividade e Cultura – UFJF/CNPq

Programa de Pós-Graduação em Memória Social – UNIRIO.

Memória, Subjetividade e Criação.

www.memoriasocial.pro.br/proposta-area.php

revista@psicanaliseebarroco.pro.br www.psicanaliseebarroco.pro.br/revista